

AUTORAS ISRAELENSES: OS PRIMÓRDIOS MODERNOS DE SUA ESCRITA E O MOMENTO ATUAL

Nancy ROZENCHAN³⁶

- **RESUMO:** Um dos segmentos mais instigantes da literatura hebraica é aquele produzido por mulheres. Este texto pretende abordar dois importantes momentos desta escrita: os seus primórdios modernos, quando ela foi periférica, no final do século XIX e começo do século XX, paralelos à primeira leva imigratória para a Palestina, com destaque para as escritoras Nehama Pohachewsky, Hemda Ben-Iehuda e Shoshana Shababo, e o atual, em que as autoras se encontram no centro pela vitalidade que têm proporcionado a esta escrita, como é o caso de Orly Castel-Bloom. Alguns aspectos históricos e literários intermediários serão incluídos para que a conexão entre as autoras e a vivência no país se torne compreensível.
- **PALAVRAS-CHAVE:** ficção hebraica; literatura feminina; literatura hebraica; literatura hebraica de mulheres; literatura e história; literatura de Israel.

A distância geográfica e a falta de acesso, pelo número muito restrito de traduções, não facilitam o contato com uma das vertentes mais interessantes e importantes da ficção hebraica contemporânea, qual seja, aquela de autoria feminina, desde o seu surgimento, no final do século XIX, até o presente. Adentrar este tema significa, também, acompanhar desdobramentos da história da mulher na vida israelense. Pela extensão do tema, o presente texto deter-se-á, principalmente, nos dois extremos do período, o inicial e o vigente no momento.

A literatura hebraica contemporânea teve suas raízes na escrita de poetas e ficcionistas do leste europeu, que compunham os seus textos em uma língua que não costumavam falar, já que o renascimento da língua hebraica falada foi concomitante ao seu fazer literário. Sem a intenção de se ater a uma exatidão quase

³⁶ Departamento de Línguas Orientais – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo – USP – 05508-080 – São Paulo – SP. E-mail: nrozench@usp.br

inatingível, a indicação de alguns períodos literários, ancorados nas respectivas características históricas particulares, servirá, no presente contexto, para estabelecer os limites desde o seu surgimento.

Em seqüência ao período da Ilustração Judaica (*Hascalâ*), quando começam a despontar sentimentos de nacionalismo na Europa, há o movimento conhecido como *Hibat Sion* (O amor de Sion),³⁷ aquele que representa a guinada que conduziria judeus, do leste europeu principalmente, pela primeira vez, aos tempos modernos, e, por motivos ideológicos, a pensar na terra dos antepassados como alvo de seus anseios de realização pessoal e nacional.

A contribuição da literatura ao movimento foi a demonstração do anseio pelo solo bíblico dos antepassados e dos desejos de construir, nele, o seu futuro, tema propugnado pelos principais poetas da época, que, conforme um lema bíblico profético utilizado então, viam-se no papel de “o espectador (ou visionário) da Casa de Israel” (Ez, 3, 17). Esta função estabeleceu, *a priori*, uma base profética para a literatura, com o propósito de direcioná-la para a norma que pregava a responsabilidade judaica e à identificação com a história do povo.

O movimento sionista,³⁸ que viria a concretizar importantes medidas ideológicas e práticas para a realização do estabelecimento na Palestina, surgiu em seqüência a diversos processos históricos, que abrangem desde o recrudescimento do anti-semitismo até a influência do renascimento nacional de vários povos europeus, bem como o processo de laicização e liberação do modo de vida entre os judeus.

O resultado prático, a imigração para a Palestina, foi fator impulsionador do sionismo, assim como este, obviamente, foi a base para a imigração. Diversas ondas imigratórias, conhecidas como

³⁷ Movimento composto pelos assim chamados *Hovevei Tsion* – amantes de Sion –, cujas principais contribuições práticas foram o estabelecimento de aldeias de lavradores judeus na Palestina, a difusão da idéia sionista e a coleta de fundos, na Europa, para os seus propósitos. O primeiro núcleo europeu do movimento surgiu, em 1860, em Frankfurt. Antecedeu o movimento do sionismo político. O movimento ganhou grande impulso na década de 1880, como consequência dos *pogroms* (matanças e saques organizados contra judeus) da Rússia.

³⁸ Movimento nacional judaico que propugna o retorno do povo judeu à terra dos antepassados e a renovação da vida política e espiritual independente em sua pátria histórica. O termo foi usado, pela primeira vez, em 1892, pelo escritor Natan Birnbaum, para acentuar a forte ligação entre o anseio do povo judeu e Sion, ou seja, a histórica terra de Israel.

aliyot,³⁹ ocorreram a partir de 1882, inicialmente, durante o período do Império Otomano e, mais tarde, durante o Mandato Britânico. A primeira das *aliyot*, que se estendeu até 1904, trouxe, à Palestina, cerca de 25 mil judeus, da Rússia e da Romênia principalmente, e, também, em pequena escala, do Iêmen. Estabeleceram-se em Jafa, nos novos bairros extra-muros de Jerusalém, ou optaram pela instalação em colônias agrícolas para que se dedicassem ao trabalho do solo, atividade que não tinham, até então, exercido e que representou o grande desafio de suas vidas, pois desejaram alterar, diametralmente, o perfil de identidade que trouxeram da vida urbana nas cidades e aldeias de origem.

Ainda que nem todos falassem a língua hebraica, esta geração começou a se expressar nela gradativamente, já que um dos propósitos do movimento sionista era a revivescência da língua. As inúmeras dificuldades encontradas – falta de recursos, fome, solo hostil, falta de preparo – fizeram, porém, com que muitos destes imigrantes abandonassem o país.

A literatura da primeira onda imigratória, ponto inicial da incipiente literatura hebraica de mulheres na Palestina, foi, basicamente, a mostra da concretização do que constava dos escritos do movimento Hibat Sion, as respostas práticas da vida dos novos colonizadores. Do mesmo modo que a literatura do renascimento,⁴⁰ descreveu o país e contou a seu respeito, pregou a imigração e estabelecimento no solo, esforçou-se por apresentar os aspectos estimulantes e positivos desta situação.

Quando se procura abordar a base da literatura de autoria feminina desta primeira leva imigratória – a história das mulheres na nova comunidade –, verifica-se que o registro histórico da sua presença, neste período, é inexistente; testemunhos escritos, memórias e diários fizeram ampla menção à atividade do homem, enquanto a apresentação da mulher é secundária e extremamente restrita. Isto decorreu não só em função do destaque dado à posição do homem no fazer pioneiro, como colonizador, fundador, obreiro, mas, também, pela sua situação de responsável pela família, em cujo

³⁹ *Aliyot*, plural de *aliyá*, que significa ascensão; a volta à terra prometida é tida como uma elevação espiritual.

⁴⁰ Considera-se como “literatura de renascimento” a que foi escrita no leste europeu e que acompanhou a idéia do renascimento nacional e os seus embates.

nome se registraram feitos e eventos.⁴¹ Esta exclusão das mulheres, que se daria, também, em certa medida, nas letras, e que perduraria por algumas décadas, poderia dar a impressão de que as mulheres não tiveram um papel de destaque na vida do país, o que, obviamente, é incorreto.

Mesmo quando há menção à mulher, isto se dá pelo trabalho, e não é pela voz que ela desponta. Ou seja, as suas opiniões, reflexões, reações e, particularmente, a interpretação quanto ao significado histórico do moderno retorno a Sion só seriam encontrados nos seus escritos, que, durante décadas e décadas, permaneceram marginalizados, desconhecidos, deliberadamente esquecidos devido ao padrão masculino, que predominou em todos os setores da vida do país, em especial, na literatura. Quase nada se escreveu a respeito das autoras, exceto sobre Dvora Baron,⁴² a mais importante dentre elas e que, justamente por representar uma exceção nesta primeira geração de escritoras, mas, logicamente, não só por este motivo, mereceu uma atenção de que outras não gozaram. A atividade de algumas destas escritoras vem sendo recuperada, somente, nos anos recentes, graças aos estudos referentes à literatura feminina que têm se multiplicado em artigos e livros de Yaffa Berlowitz, Lilly Ratok, Hana Navê, Hana Herzig, Nurit Govrin, Pnina Shirav e outras, em

⁴¹ Foi na segunda leva imigratória somente, de cunho socialista, que mulheres chegaram sós ao país, em notável contraste com o período anterior, e seus nomes passam a constar, individualmente, do fazer na nova terra.

⁴² (1887 [Lituânia] – 1956 [Israel]). Já era escritora antes de imigrar; levava uma vida independente, chegou só, falando hebraico e foi, logo de início, uma presença marcante, trabalhando na editoria de um periódico. Esta atividade seria interrompida com o início da I Guerra Mundial, quando, como muitos outros habitantes do país, foi obrigada a se transferir para o Cairo. Sua escrita, na Palestina, nada teve a ver, praticamente, com o novo país; ela continuou a escrever contos sobre a cidadezinha lituana de origem, sua população e seu modo de vida. Depois dos anos iniciais de intensa vida pública, Baron se recolheu à sua casa para, praticamente, nunca mais sair. Hipóteses, apenas, podem ser levantadas para o seu alheamento à literatura local: o estilo de vida insubstancial e cambiante do país não se afinava à sua capacidade de descrever um modo de vida sólido e permanente, que se cristalizara numa tradição passada de geração a geração; pareceu não ter conseguido se enquadrar na visão de mundo do novo país. Submeteu-se, por fim, ao ditame patriarcal de seus críticos e sufocou o desejo feminino, bem como e o ímpeto feminista, que caracterizaram a sua escrita inicial, uma espécie de protesto passivo contra a realidade da nova terra e contra a exigência social e literária de romper com a diáspora e se situar no presente. Seu primeiro conto foi publicado em 1902; ela só conseguiu publicar a sua primeira coletânea, *Contos*, em 1927. Pelo distanciamento de sua temática da vida na Palestina, sua obra não será abordada neste texto.

Israel, e Yael Feldman, Naomi Sokoloff, Esther Fuchs e outras, nos Estados Unidos. Isto tem levado à reimpressão de obras do período, tendo sido publicados, nos últimos tempos, livros de Nehama Pohachewsky e de Shoshana Shababo, tarefa executada por seus descendentes ou por literatos.

O número de mulheres que escreveram ficção no período da primeira leva imigratória era reduzido; elas possuíam bom nível cultural, em flagrante contraste com a maior parte de suas contemporâneas, que não eram, porém, analfabetas. Além da formação profissional e universitária, salientaram-se, também, pelo estudo e conhecimento da língua hebraica, mesmo na fase de retorno ao uso diário da língua em todas as funções públicas, e não, apenas, nas religiosas, como ocorrera durante séculos. Foram as esposas de homens que se destacaram no fazer da nova terra. Em geral, as escritoras estavam devidamente imbuídas dos ideais sionistas de construção do país, tinham consciência de si mesmas e da importância do seu papel como associadas, em igual medida, à operação social que se desenvolvia. Contribuíram, ainda, com importantes atividades sociais. N. Pohachewsky mantinha uma hospedaria para necessitadas, que viria a se transformar em uma entidade de assistência a doentes; Ita Yelin se dedicou à obtenção de empregos para moças pobres e à assistência a doentes mentais; Hana Lunz-Bolotin manteve uma cozinha assistencial.

A escrita destas mulheres deve, igualmente, ser entendida como parte de sua ingerência social, pois, desta forma também, elas tentaram deixar a sua marca, como mulheres, na vida que se criava no país, servindo de voz para aquelas que não entendiam a sua situação ou não ousavam exigir, da sociedade, que as reconhecessem. Não só trataram dos temas do novo país, da nova sociedade e do novo homem, mas acrescentaram o tema da nova mulher.

O trabalho literário e jornalístico das escritoras da Primeira Aliyá teve início, na década de 1890, com Pohachewsky, e teve continuidade com Hemda Ben-Iehuda.⁴³ Nas décadas seguintes,

⁴³ 1869 (Lituânia) – 1934 (Palestina) e 1873 (Rússia) – 1951 (Israel), respectivamente. Pohachewsky conhecia línguas e foi fundadora de uma organização para a difusão do hebraico. Ben-Iehuda foi a segunda esposa do renovador e lexicógrafo da língua hebraica Eliezer Ben-Iehuda. Estudou química na Universidade de Moscou. Em 1903, viajou para a Europa para divulgar a obra do marido. Ali, foi contatada por membros do movimento sufragista feminino

foram seguidas por Nehama Guissin, Miriam Fefermeister, Yehudit Harari, Elisheva Bassevitch, Hana Treiguer, além das já mencionadas Ita Yelin, Hana Lunz-Bolotin e Shoshana Shababo; algumas, imigrantes, outras, nascidas no país; mulheres cujas obras se estendem para além do período da primeira leva imigratória. Parte delas publicou os seus textos em periódicos gerais, e parte, em publicações de organizações de trabalhadoras.

Mesmo quando a temática da imigração esmaeceu em alguns de seus escritos, a percepção de seu mundo, tanto ideológica como estética, não sofreu alterações significativas.

A literatura de mulheres na Palestina de então surpreende pelo próprio fato de ter sido escrita e, também, pela sua abrangência. Convém acrescentar, neste contexto, que mulheres quase não escreveram em hebraico na Europa até então, algo que contrasta com a sua posição na estrutura de comunidades pequenas do novo país; no total, não perfariam mais do que 50 a 60 mil habitantes judeus em difícilíssimas condições de sobrevivência, em uma sociedade que não valorizava a mulher a ponto de lhe prestar deferência semelhante à que prestava aos pioneiros.

Estas escritoras se ocuparam, basicamente, da renovação da vida no país e do anseio pela renovação da mulher neste contexto. Quanto ao primeiro destes aspectos, elas faziam coro com a literatura da época. O segundo assunto foi específico delas. Quando escritores abordaram mulheres em seus escritos, não se afastaram do padrão convencional (casos de amor) ou ideológico (a mulher como parte do processo social geral de transformação de uma comunidade de colonos em nação). A aspiração pela renovação da mulher se mostra, na literatura de mulheres, obedecendo à vertente de pregação e de protesto, ambos voltados tanto contra os homens como contra as mulheres. A principal autora da vertente de pregação foi Henda Ben-Iehuda, enquanto Pohachewsky representou o outro aspecto.

Ben-Iehuda se dirige, em primeiro lugar, à mulher, desejosa de sacudi-la das limitações do passado e de prepará-la para as

para ser sua representante na Palestina, reunindo mulheres de todas as etnias. Ela recusou esta iniciativa; considerava que, de início, as mulheres deviam atuar junto com os homens a fim de estabelecer uma entidade autônoma nacional na Palestina. Só assumiu a iniciativa do sufrágio em 1918, após a Declaração Balfour, documento emitido pelos ingleses que previa o estabelecimento de um lar nacional judaico na Palestina. Os direitos sufragistas femininos foram obtidos em 1926.

possibilidades que se renovavam no presente; tinha em vista, além disso, o desenvolvimento da sociedade dos colonizadores.

Em um artigo de 1919, “Higuia sheateinu”, publicado em *Doar hayom* (apud BERLOWITZ, 1989), ela explicou que não era possível lutar pelos direitos da mulher enquanto o povo continuava subjugado, humilhado, perseguido mundo afora e sofrendo nas mãos dos governantes, mesmo na Palestina. Assim, para esta escritora, o renascimento nacional equivalia ao renascimento da mulher, e cabia, a esta, contribuir para o avanço da comunidade colonizadora. Ela se bateu por esta linha, de forma direta, em artigos, e de, forma ilustrativa, na ficção.

Nesta exemplificação, Ben-Iehuda estabeleceu um modelo de mulher em que devem ser destacados o nacionalismo e o esclarecimento, uma percepção avançada do mundo. Os materiais que se mesclam, nos enredos de seus contos, são tomados de diversos âmbitos da vida da mulher no país, conduzindo, sempre, a uma conclusão: a prioridade da mulher culta, seja na vida comunitária ou na individual. Nos seus contos, verifica-se como a cultura ajuda a encontrar um noivo bem sucedido, contribui para um casamento feliz e, até, como a mulher desperta para experiências românticas ricas. Para ela, a nova mulher é capaz de representar um fator de influência no desenvolvimento da comunidade existente para a fixação dos imigrantes no país e aumento da população. Ben-Iehuda pretendeu escrever a visão sionista-romântica que ela viveu na vida diária.

Temáticas deste teor só podiam ser escritas, naquela época, por mulheres, pois, na estrutura cultural imperante no país então, os homens não se preocuparam em indicar sentimentos de culpa em relação à falta de nacionalismo de suas companheiras. Quando as mulheres queriam externar as suas opiniões, viam-se bloqueadas pelos homens, que chegavam a zombar delas, conforme ocorreu com Pohachewsky.

Pohachewsky começou a atuar em prol da renovação da mulher na vida comunitária assim que chegou à Palestina, em 1889, e não só através da escrita. Na luta pública, era rígida e veemente ao apresentar respostas e soluções, enquanto que, na escrita, ela, apenas, levantava as questões, e o fez de forma muito comedida, sendo que as expressões de protesto das personagens se encontram em uma espécie de diálogo interior triste e desesperançado que não consegue se expor.

O principal da obra de Pohachewsky foi publicado, naquela época, em duas coletâneas de contos: *Na nova Judéia* (1911) e *Na aldeia e no trabalho* (1930).⁴⁴ Nestas, o leitor trava contato com uma gama variada de mulheres (lavradoras, operárias, empregadas domésticas, membros de grupos de trabalho); na primeira coletânea, são apresentadas mulheres sobre o seu pano de fundo de origem oriental, em particular, as iemenitas. A literatura da primeira leva imigratória, basicamente, escrita por imigrantes provenientes da Europa, demonstrou uma grande curiosidade em relação a seus irmãos do Oriente. Isto gerou obras que se dedicaram a descobrir e a decifrar as características destes outros imigrantes. Um dos aspectos mais destacados é a averiguação, ante a atitude de fazer avançar a vida das mulheres, da aceitação, por parte das orientais, de um segundo casamento dos maridos, quando estas se encontravam em situação penosa (doenças, ausência de filhos).⁴⁵ Nehama Pohachewsky apresentou a mulher como vítima do homem, que a via como objeto para os seus propósitos familiares e da sociedade iemenita.

A apresentação da mulher como vítima é feita no plano do enredo e no tipológico. No plano do enredo, o desenvolvimento se baseia em algum evento pelo qual se explica o sistema de relações homem-mulher, e é exposta a injustiça que ele lhe faz. Este evento goza de duas interpretações, a da narradora onisciente e a da mulher ferida que, na ausência de uma saída, fecha-se em uma espécie de argumentação interior; ela recua, do ponto de vista do tempo, do evento central, e refaz o encadeamento de acontecimentos do passado até aquele momento, refletindo sobre toda a sua vida.

⁴⁴ Em 2004, os bisnetos da autora, seguindo solicitação encontrada nos seus escritos, publicaram o seu romance inédito, *No declive*: um romance israelense. Como nas outras obras, ocupou-se dos desgarrados e dos mal-sucedidos do empreendimento sionista: pioneiros doentes de malária, esposas abandonadas, maridos violentos, pioneiras cujos bebês morriam devido às condições precárias de sobrevivência, sonhadores que perderam as esperanças por causa da fome, da seca e de ataques de árabes e que partiam do país. Os sentimentos de fracasso e de desespero foram mal vistos pelos críticos; um deles escarneceu do número de 17 mortos na primeira coletânea de contos. A crítica atroz, por parte de membros da segunda leva imigratória principalmente (socialistas, ligados aos partidos de trabalhadores), acuou-a para uma solidão literária, um dos temas deste romance: a solidão do escritor.

⁴⁵ O édito judaico, que proibia a bigamia, foi promulgado por volta do ano 1000 na Alemanha; os judeus do Oriente só tiveram conhecimento desta proibição no decorrer do século XX.

No contraste apresentado, a mulher-vítima tem prioridade ante a personagem masculina. A mulher iemenita é mostrada mantendo contato agradável com relação à sociedade das europeias com a qual trava conhecimento e que tem interesse em entendê-la: ouvir tocar piano, pedido para ser alfabetizada apesar da proibição do marido, convencer o cônjuge a passar por um tratamento médico. O homem iemenita é apresentado, por Pohachewsky, como o oposto de tudo isto, particularmente, no que se refere ao domínio sobre a mulher. A mulher se mostra dona de uma vitalidade em relação ao próximo e ao ambiente. Pohachewsky acreditou que esta mulher, na reviravolta drástica que ela sofreu na passagem abrupta do antigo ambiente no Iêmen ao novo na Palestina, começou a compreender que a relação do entre ela e o homem não era uma questão de tradição sacralizada, mas de expressão de humilhação e de discriminação. Por meio da apresentação da situação da mulher iemenita, ela indica todas as queixas com relação à discriminação da mulher em geral.

Vários anos depois somente, no segundo volume de contos, dedicou-se à mulher judia ashquenasita, a de origem europeia, em um volume que teve melhor recepção do que o primeiro. A situação desta mulher se apresentou mais problemática e complexa do que a da mulher oriental. O motivo para tardar a chegar a esta personagem pode ter sido que a autora, constrangida, retraiu-se da confissão de que o homem judeu europeu, mesmo proveniente de uma sociedade mais avançada, via o status da mulher como figura secundária, e teve vergonha de mostrar que, mesmo não seguindo o modelo iemenita primitivo, servia-se, justamente, do seu padrão masculino e machista para oprimir a mulher; outro motivo para tardar a chegar a esta abordagem pode ter sido a crescente luta da mulher no país após a I Guerra Mundial, seja nos círculos operários como nos civis, e isto a fortaleceu com o seu próprio grupo étnico.

A mulher no segundo volume é culta, tem conhecimento profissional e habilidades em muitos setores. Mas ela abre mão ou reduz a sua ocupação, nestes campos, para se dedicar à vida agrícola, numa profunda consciência nacional e com fé nos valores do trabalho. A personagem masculina a explora de forma humilhante e não lhe dá o devido valor.

Sua personagem feminina fica perturbada porque não entende o motivo de o homem não lhe conferir importância, já que ela esperava que a vida na Palestina, de acordo com os princípios do renascimento nacional, estabelecesse uma nova sociedade em que

haveria igualdade e reconhecimento do valor da mulher. Mas a mulher, apesar de seu nível cultural, tem pouco auto-estima. Ela se apresenta como a iemenita submissa, calada, e, no confronto com o homem, não só não reage ao seu comportamento grosseiro, como tenta apaziguá-lo, assumindo culpas e, até, justificando-o por humilhá-la. Quanto maior é a tolerância dela, mais ele demonstra agressividade. Neste contexto, ela tenta explicar, para si mesma, o comportamento masculino no relacionamento homem-mulher. Diversas são as personagens iemenitas; outras irão buscar interpretações para seus modelos nas amadas personagens femininas da literatura européia.

Uma das perguntas centrais que se depreende de sua obra é por que a mulher é tão passiva, por que ela não se revolta contra o homem.

Com a obra de Pohachewsky, acentua-se a visão primária e ingênua de Ben-Iehuda, que considerava que a solução para o problema da mulher dependia, apenas, da aquisição da cultura e da ingerência nos assuntos nacionais. Para Pohachewsky, isto não bastou.

A respeito da seqüência e da influência deste período, vale, ainda, mencionar a obra de Shoshana Shababo,⁴⁶ influenciada, diretamente, por Hemda Ben-Iehuda e, ainda, vinculada, do ponto de vista literário, àquela geração. Diversamente das duas autoras destacadas, Shababo nasceu na Palestina, no seio de uma família de origem oriental. É considerada a primeira ficcionista nativa.⁴⁷ Seu primeiro e segundo romances, *Maria*: romance da vida monacal no país, e *Amor em Safed*: romance da vida dos sefarditas em Safed, publicados, respectivamente, em 1932 e em 1941, foram reeditados em 2002 e em 2000, sendo que a nova edição de *Maria* recebeu um prêmio governamental. Obras menosprezadas pela crítica em sua primeira edição e, parcialmente, na segunda também, elas vêm, entretanto, sendo alvo de interesse maior nos tempos mais recentes. Sua leitura proporciona a visão de uma sociedade do início do século XX sob um olhar perspicaz, que abordou, sem receio, com nítidos traços eróticos e por meio de uma escrita avançada para a época, a comunidade sefardita em um dos livros, e, no outro, a dos árabes cristãos. Em *Amor em Safed*, ela explorou a temática da mulher

⁴⁶ 1910-1992.

⁴⁷ A primeira poeta nativa foi Ester Raab (1894-1981).

ante um casamento forçado, enquanto que, em *Maria*, o qual tem o estilo de “romance romântico”, a jovem, movida pela paixão tresloucada que não podia, então, expressar-se, encerra-se em um convento, enlouquece e morre. Obedecendo aos padrões feministas, as personagens principais dos dois livros são estruturadas como mulheres determinadas, que estabelecem o seu destino conforme valores que, para elas, são absolutos. Ester, de *Amor em Safed*, crê no amor romântico, e Maria, na honra e orgulho. Por ter tratado de questões de etnia e feminismo, a escrita de Shababo continua a gozar de popularidade.

Os anos que se seguiram, em meio às duas grandes guerras, testemunharam o grande embate que foi a lenta e difícil consolidação da vida judaica na Palestina diante de entraves quase que intransponíveis, como o restritivo Mandato Britânico, confrontos com a população árabe, dificuldades econômicas; enquanto que, na Europa, um terço do povo, ante as portas fechadas da salvação, era exterminado pelo nazismo. Par a par com isto, estruturou-se a vida comunitária conforme os propósitos do sionismo, com a organização de todos os sistemas necessários, dentre outros, o institucional, o educacional, o de recepção a imigrantes, o político, o de construção do país, de defesa, sendo este, em grande parte, não-oficial. Este é conhecido como o “período do *Ishuv*”, ou seja, comunitário. O padrão cultural oficioso foi o da fusão de todas as etnias judaicas do país; conduziu-o, primordialmente, o anseio de construir a nação judaica moderna.

Em 1948, com o fim do Mandato Britânico, um grupo de ativistas proclamou a independência em nome do povo, e a denominação nacional passou a ser Estado de Israel.

A literatura, marcada por normas humanistas-existenciais, estéticas, de responsabilidade em relação à história do povo de Israel e com o compromisso de ser escrita em hebraico (tendências, estas, assumidas desde o século XIX⁴⁸), continuou a cumprir o seu papel segundo os mesmos princípios até meados dos anos 50, após a Guerra da Independência. Até aquela época, a literatura não procurou se desvencilhar do propósito de “observador da Casa de

⁴⁸ Conceituação definida, amplamente, por Dan Miron (1993) e que, com pequenas variantes, é encontrada em todos os historiadores da literatura hebraica.

Israel”. Naquela década, no abandono da norma, delineou-se a principal inovação da literatura israelense. Os escritores dos anos 50 e 60 definiram a nova identidade social, criada com o surgimento do Estado, como uma identidade civil-política, que liberou a cultura e a literatura da carga de preocupação com a regulamentação espiritual e física da nação. A função de cuidar do espírito da nação passou para os governantes, e o escritor se sentiu mais livre para se voltar ao indivíduo. Suprimiu-se, assim, da literatura, a ligação que, no passado, proporcionara a tensão, que lhe fora característica, entre o nacional e o pessoal, o universal e o específico, o existencial e o histórico.

Segundo Guershon Shaked (1998), estas décadas se defrontaram com o esfacelamento da cultura criada até a independência. Para Shaked, o que ocorreu nos anos 60 não foi, como muitos consideraram, a passagem da linguagem do “nós” para a linguagem do “eu”, mas uma tendência crescente dos textos literários de se voltarem para grupos sociais e para personagens da periferia da sociedade, deixados de lado pelos autores anteriores, ou de escreverem, de forma muito crítica e paródica, sobre os grupos sociais que ocuparam o centro da arena na geração anterior. Nestas tendências, há, talvez, algumas indicações referentes aos desenvolvimentos posteriores: se as propensões existentes teriam continuidade ou se elas se defrontariam com as mesmas de forma dialética.

A situação cultural-literária se alterou, de início, de modo dissimulado e, depois, cada vez mais abertamente, durante os anos entre a Guerra dos Seis Dias (1967) e a Guerra do Iom Kipur (1973); de meados dos anos 70 em diante, a literatura se pôs a analisar a revisão que ocorrera durante os anos 50 e 60.

No final dos anos 60 e no início dos anos 70, a sociedade israelense foi abalada por choques inusitados. No âmbito da segurança e existencial, passou-se da euforia da Guerra dos Seis Dias para o choque da guerra seguinte. No campo político-ideológico, recrudescceu a luta pela definição dos propósitos do sionismo, surgiram fortes dissensões relacionadas aos territórios árabes, com os movimentos em prol de um Israel inteiro e amplo, e, em contraste, outro propugnando paz e segurança em território reduzido. Em 1977, a eleição do partido Likud, de direita, que viria a substituir a longa hegemonia dos partidos socialistas trabalhistas, foi uma mudança radical e decisiva na condução do país, em todos os

sentidos. Esta mudança apontou, imediatamente, para um pluralismo cultural, sociológico e político maior, anunciando que a realidade deixava de ser unitária, monolítica, socialista, pioneira, masculina e ashquenásita, ou seja, de origem européia. Os abalos sociais trouxeram à tona forças que, até então, estavam bloqueadas e reprimidas, e as fendas brotaram por toda parte.

A literatura assumiu a função de realizar um acerto de contas com a elite que falhara. Ela se tornou a parte atenta do setor público rejeitado e humilhado, que perdera sua força e estava imerso em uma enorme depressão e em perplexidade insanável. Era a perplexidade de uma sociedade arrogante para a qual não era claro se o fracasso resultava da traição a seus valores ou se as normas tinham gorado e feito os projetos fracassar. Parte da literatura se via como emissária de uma sociedade em crise, que, absolutamente, não acreditava que o sistema político e o militar resolveriam os seus problemas principais.

No ambiente dos anos 80, estabeleceu-se uma realidade literário-cultural crítica. O público esclarecido exigia uma visão a partir da ficção, do romance principalmente, capaz de apresentar, de forma ampla e integradora, o particular dentro do coletivo, do presente e do passado histórico. O que se viu foi uma expressão do desmoronamento da narrativa sionista-modernista. Como disse o crítico Yigal Schwartz (1995), referindo-se à obra de décadas de Amós Oz⁴⁹, tomadas como exemplo: “Pode-se ler todos os livros de Oz como variações irônicas de um único necrológio, cujo tema é o desmoronamento da narrativa sionista-modernista”.

Conforme a década de 80 acabava, ficava claro que a fórmula da ficção de fundo psicológico, construída em torno de um universo pessoal dolorido de significado nacional ou público, não combinaria com a sensibilidade da geração dos autores jovens que, então, despontariam. Para Gadi Taub (2001), a geração mais jovem não quer ser porta-voz do coletivo. Os escritores da geração mais jovem não querem os papéis antigos, mencionados por Miron (1993) anteriormente. Tendem a focalizar experiências pessoais que, raramente, tocam nas questões morais e ideológicas caras à cena política de Israel. Segundo Hanan Hever (1999), o desmantelamento e a descentralização dos anos 80-90 expressam o esvaziamento do

⁴⁹ 1939 -

centro e o fortalecimento da expressão pós-sionista⁵⁰ e pós-nacional. Os anos 80-90 se caracterizaram por uma variedade de vozes e de identidades, com escritas em uma gama muito ampla de gêneros, do mais elevado ao mais simplório e popular.

O que caracteriza as etapas da ficção hebraica feminina é a ausência de uma linha de continuidade nítida e visível. Nas décadas de 20 a 40, destacaram-se obras ficcionais de duas escritoras, que eram mais conhecidas pela sua poesia, Elisheva Bihovsky e Léa Goldberg.⁵¹ Esta literatura tem continuidade com os primeiros contos de Yehudit Hendel⁵², da década de 1940 em diante e, na década de 50, com a trilogia *Shaul e Yohanna*, de Naomi Fränkel⁵³. É, porém, a partir da segunda metade da década de 1950 que se pode falar de uma retomada da literatura de mulheres com impacto marcante sobre toda a literatura e a cultura do país. Isto ocorre com a publicação dos primeiros contos de Amália Kahana-Carmon⁵⁴. Se há uma escritora que estabeleceu padrões, produziu um estilo e criou uma consciência feminista, esta foi Kahana-Carmon. Do ponto de vista temático, trata das relações entre homens e mulheres e experiências de família situadas em vários períodos, regiões e classes em Israel. Estilisticamente, a sua escrita é caracterizada por um traço lírico intrincado, com observações minuciosas das emoções e anseios. Em sua obra, temas como as relações do escritor ou escritora com o mundo, o objetivo da escrita e os processos da criação são tão destacados quanto os mencionados acima.

Kahana-Carmon, escritora marcada por uma linha independente, lançou, a partir da década de 80, uma série de manifestos⁵⁵ em que fez referência à escrita feminina hebraica, protestando contra a discriminação das obras de autoria feminina

⁵⁰ Conceituação desenvolvida a partir da década de 1980, principalmente, a partir de trabalhos publicados por diversos historiadores. Estes, a partir do acesso a arquivos públicos, até então, indisponíveis, passaram a se calcar em uma posição revisionista dos fatores que levaram à criação do Estado de Israel e ao estabelecimento da população judaica naquele território, bem como às respectivas conseqüências.

⁵¹ 1888 (Rússia) – 1949 (Israel) e 1911 (Lituânia) – 1970 (Israel), respectivamente.

⁵² 1928 - (Polônia).

⁵³ 1918 – (Alemanha).

⁵⁴ 1926 – (Palestina).

⁵⁵ O manifesto “Você, mulher, quer escrever um livro?” foi publicado em *A literatura de Israel* (1998).

que não tinham gozado do merecido reconhecimento. Segundo ela, a injustiça em relação a escritoras provinha do predomínio do modelo masculino, em conseqüência do qual a literatura de mulheres era percebida como periférica. Kahana-Carmon dedicou as primeiras obras a implodir os mitos enganosos da cultura masculina, do amor romântico, do casamento feliz, da família como condição obrigatória para a felicidade do indivíduo. Posteriormente, desenvolveu o modelo feminista; sua personagem pode ser cruel consigo mesma e com os demais se isto for necessário para cumprir o seu propósito. O mito da maternidade, um dos temas muito caros à cultura judaica, é pulverizado. Diversamente dos primeiros contos, em que ela censurou elementos eróticos, não há, nos seus textos mais recentes, restrição à exposição do desejo.

Pode-se atribuir a ampliação, a partir dos anos 60, do universo da ficção feminina hebraica à gama de atividades literárias que passaram a ser desenvolver com o rompimento dos princípios da obediência ao cumprimento das regras da ficção do período da independência. O surgimento, na década de 80, de um número significativo de escritoras pode ter a ver com a tendência de recuar das grandes dimensões da cena política ou de observá-la através de retratos sinedóquicos pequenos. Algumas das autoras mais adaptaram do que subverteram a tradição literária dominante; examinaram velhos temas pela perspectiva feminina e/ou feminista. Algumas escritoras começaram a questionar, de forma direta, o conceito patriarcal do amor materno a partir da década de 1990 apenas.

Nos tempos recentes, deve-se, a uma escritora, a maior reviravolta que ocorreu na literatura hebraica, e não só na de viés feminino. Foi Orly Castel-Bloom⁵⁶ que modificou a face da ficção hebraica; ela despiu o texto de alusões culturais e metáforas poéticas, produziu um absurdo cômico a partir da ausência de relacionamento e do uso do inesperado. Os materiais das suas obras refletem as realidades genuínas de Tel Aviv, tiradas da imprensa, do cinema, do submundo, mas estas realidades não têm coerência. Ela comunica o

⁵⁶ Nascida em Tel Aviv, em 1960. Esta atuação de Castel-Bloom é, geralmente, trazida em conjunto com a do jovem escritor Etgar Kéret (Tel Aviv – 1967), que tem, da mesma forma, contribuído para a cena literária israelense. Outros autores e autoras deram, igualmente, a sua contribuição às inovações que ocorreram na ficção hebraica, mas o seu papel é muito mais reduzido.

desespero de uma geração que nem mais sonha os sonhos da história sionista, que, simplesmente, encontra-se fora disto.

Castel-Bloom é autora de onze livros, além de peças de teatro e de outros textos. É considerada uma das cinquenta mulheres mais influentes de Israel. Aqui, será feita menção a, apenas, dois livros, *Dolly City* (1992), o mais famoso deles, incluído, pela Unesco, na Coleção de Obras Representativas, e *Partes humanas* (2002), o romance mais recente, e acessível ao leitor brasileiro graças a uma tradução publicada em 2003.

O primeiro dos livros é uma biografia de Dolly, nome da cidade e de uma mãe em Israel, médica formada por uma obscura universidade, que mora na cidade mais louca do mundo, Dolly City, um possível simulacro de Tel Aviv, com detalhes de outras cidades famosas. Dolly realiza experiências e operações em animais. Encontra um bebê. A partir daí, ela é a mãe deste filho, e deve se preocupar com ele e com a sua integridade. Sua maior missão é preparar o bebê para o dia em que ele precisar sair de Dolly City. Dolly sofre de uma doença que pode ser definida por ataques de infinitas possibilidades. Temerosa de que o filho viesse a contrair doenças, ela transplanta vários órgãos em seu corpo e o inocula contra todo mal imaginável. Para ter certeza de que não o perderá, ela o transplanta para as próprias costas; quando se cansa disto, trata de se liberar dele. Ela é louca e fica ainda mais perturbada tanto pelo seu incontrolável instinto materno como pelas possíveis calamidades das quais deve proteger o filho.

É neste romance que a implosão do mito da maternidade chega ao auge. Mesmo que a personagem declare “Eu só quis protegê-lo das coisas ruins, quis que ele vivesse até os cento e vinte” (CASTEL-BLOOM, p. 39), ela suplicia o filho com as suas buscas e temores, causando-lhe dano físico e psicológico inimaginável. O fator que causa este comportamento é o temor de que a maternidade a enlouqueça. Dolly diz: “Que coisa é esta, a maternidade, se a gente não consegue cuidar *non-stop* e de forma absoluta do filho” (CASTEL-BLOOM, p. 116).

Em *Dolly City*, o enredo é fantástico, desenrola-se em uma cidade futurista. A protagonista é, no mínimo, bizarra, se não desvairada. Como outras obras desta autora, este é um texto leve, por incrível que possa parecer, em que chiste e riso se mesclam ao horror. Ante isto, não é de admirar que tantos críticos e estudiosos tenham se voltado para este livro, enquadrado, pela maioria deles, na

categoria do pós-modernismo, pelo viés do fantástico, como o fez Adia Mendelssohn-Maoz (1996), da paródia, como Liza Chodnovsky (1998) ou da ironia, como visto por Rachel Giora (2002), dentre outras e outros.

Um tratamento diferente da realidade, uma perspectiva independente e uma surpreendente visão de mundo são a tônica da escrita de Castel-Bloom. A exemplo de obras de seus colegas contemporâneos, ela não se abstém de apresentar uma violência que não é capaz, porém, de subverter a ordem do mundo, ordem que, de todo modo, não pode ser alterada. Seu papel, com esta forma de expressão, é chamar a atenção para o presente e para a sua forma de representação. É fato notório que vários dos escritores e escritoras desta geração, como é o caso de Castel-Bloom, têm uma formação acadêmica na área de cinema, em nítido contraste com seus antecessores (que estudaram literatura), e atuam em vários setores deste campo. Segundo Uri Bernstein (1994), o relacionamento desta literatura com o presente como dimensão única do conto e, também, a sua aceitação da violência são ditados por critérios cinematográficos, e isto permite, muitas vezes, que o texto seja lido como um roteiro. As personagens se vêem como que em um acontecer constante, como que representando uma vida que não é sua. A visão cinematográfica dá origem a uma ficção ativa, veemente e, não raro, desprovida de explicação. Neste contexto, a violência é admissível, já que, como após uma filmagem, mortos se erguerão da cena e irão para casa.

Dolly muito se preocupa com o filho, e, com medo de perdê-lo, irá procurá-lo para saber a seu respeito quando imagina que ele está, em razão do serviço militar, a bordo de um navio de guerra em pleno oceano. Quando recebe a informação de que o referido navio naufragara, ela decide cometer suicídio. Como não conseguiu cuidar bem do filho, a sua vida não tem sentido. Mas ela não morre. Quando pula para a água, ali está, na água, o filho para salvá-la, já que, na verdade, ele era guarda-vidas.

Castel-Bloom, simplesmente, ridiculariza o conceito de maternidade modelado pelo patriarcado. Conforme Giora (2002), ao examinar o alegado instinto maternal, a incontrollável preocupação compulsiva pelo bem estar do filho que a leva às muitas tentativas de protegê-lo, ela questiona os antigos conceitos de família e da sociedade. *Dolly City* não está focado, apenas, na maternidade, mas

esta atenção é um dos componentes de toda a ideologia pública, política e social que deve ser substituída.

Castel-Bloom está criticando a natureza opressiva da atitude semelhante à da mãe (Dolly), semelhante, no caso, ao Estado de Israel e aos israelenses em relação à terra ante os palestinos. Ao desenhar, cirurgicamente, nas costas do filho, o mapa de Israel, ela está equiparando o amor que tem pelo filho ao amor dos israelenses pelo país; em suas considerações, um é tão insano e prejudicial como o outro.

Não há dúvidas de que as rupturas sociais que Castel-Bloom explorou à vontade, numa linguagem definida como magra, anoréxica, rasa, enlatada, com referências a clichês e a seriados americanos de TV, desenvolveram-se no período em que todas as experiências de expressão foram válidas, livres, escoradas pelo final de uma era ideológica que se esfacelara e, conseqüentemente, pelas inúmeras novas opções que se tornaram possíveis, em particular, no campo da literatura: o escopo das amplas dimensões da literatura de mulheres, cada uma apresentando o que for do seu interesse e de acordo com a sua ousadia, a abertura que cada segmento social aproveitou para ocupar e usar para se manifestar sem receios, expor-se em seus aspectos positivos e negativos. A isto, devem ser agregadas as opções que permitiram toda ordem de rompimento de vínculos como as proporcionadas pelas concepções pós-modernistas e, no âmbito sócio-político local, pelo pós-sionismo.

Quanto ao romance mais recente de Castel-Bloom, *Partes humanas*, aqui, ele merece ser mencionado, principalmente, por dois aspectos: o referente a mulheres e quanto à sociedade israelense contemporânea. Este livro faz um excelente trabalho ao retratar, de forma fidedigna, o Israel atual, com inclusão, até, de situações inesperadas e improváveis. A ação se passa em um inverno incomum, de temperaturas baixíssimas; além disto, o país é assolado por uma doença desconhecida, logo, denominada de gripe saudita, que, assim como os atentados terroristas da segunda Intifada (o levante palestino), dá muito trabalho aos coveiros, disputando, com estes, os espaços televisivos destinados à meteorologia. Os meteorologistas passam a ser os profetas do país. A autora não dispensou a paródia, fazendo menção aos nomes de ruas de Tel Aviv, onde abundam referências aos profetas bíblicos, cujas profecias parecem não ter mais sentido atualmente.

As mulheres, neste livro, são mais oprimidas, menos vencedoras, mas conseguem criar ilhas de ordem e de limpeza nas suas vidas particulares. Não é por acaso que uma das personagens femininas anseia por uma nova máquina de lavar roupas; uma outra, pertencente a uma classe sócio-econômica baixa e marginalizada, trabalha lavando escadas de edifícios; em contraposição, a principal personagem masculina é dona de uma lavanderia. A crítica apontou que os donos das “lavanderias” da realidade de *Partes humanas* são homens; ao dono da lavanderia, soma-se a figura do presidente do país, que é mencionado pela inglória função de visitar famílias enlutadas que perderam algum de seus membros em algum atentado terrorista, em uma espécie de purgação pública, já que isto é comentado, amplamente, pelo rádio e mostrado na televisão. Os homens mantêm relações de dominação em relação às mulheres do livro, que, sempre, são mais pobres, mais trabalhadoras e mais responsáveis do que eles. Como as mulheres são, desde o início, personagens já vencidas, não conseguem estabelecer mais do que ordem e limpeza no âmbito do grande medo do futuro, do poder dos homens de fazer o mal.

Mesmo nestas circunstâncias, não se pode considerar qualquer proximidade com o que houve na escrita anterior de mulheres e sobre mulheres. A despeito da situação das personagens femininas, e o livro não se preocupa com isto particularmente – a situação dos homens é, também, lastimável. Mais de uma vez, na percepção de se feminilizar da literatura presente em Israel, personagens masculinas são como que emasculadas ou feminilizadas ou passam por agruras que, antes, estavam destinadas, principalmente, às personagens femininas.

A pobreza extrema de algumas das personagens (uma delas é apresentada, na televisão, como o símbolo da mulher mais pobre do país), o choque ante as imagens mostradas na televisão constantemente, o clima assustador, a doença, trazidos por Castel-Bloom, indicam um compromisso social profundo da autora e um humanismo diante de uma sociedade rompida em pedaços, havendo, como pano de fundo, o conflito israelense-palestino. O distanciamento da antiga e aparente coerência, que pareceu ter existido nesta sociedade, é total, e Castel-Bloom se serve de todos os temas para frisá-lo e para apontar à desvinculação com o passado. Também, neste aspecto, o papel literário de Castel-Bloom é fundamental para a sua geração e para a geração subsequente.

Exemplo disto é a indicação, neste livro, da não-fusão das diversas etnias judaicas do país, contrariamente ao que fora propugnado quando do surgimento do Estado, e a conseqüente marginalização sócio-econômica dos que não pertencem ao(s) núcleo(s) central(is) tradicional(ais). Como seria de se esperar, de forma diversa a obras de períodos anteriores, aqui, as personagens da periferia são as imigrantes judias que chegaram nas últimas décadas da Etiópia e do Curdistão. Quando comparadas com as apresentadas no início do século XX, estas, porém, mesmo às custas de deslizos morais, mostram uma agilidade surpreendente ao procurar galgar degraus de uma ascensão sócio-econômica que lhes garanta, e às suas famílias – neste livro, algumas delas são bastante íntegras –, melhores condições de sobrevivência. O desligamento em relação à cultura é, também, evidente, como no caso dos nomes dos profetas bíblicos nas ruas, cujas importância e história são desconhecidas; ou, quando se sugere, à personagem que se encontra em pior situação, que abra o livro de Salmos para encontrar, ali, algum consolo, é para as Páginas Amarelas que ela se volta, para efeitos mais práticos, mesmo que a edição do catálogo esteja ultrapassada.

A aparente falta de profundidade das personagens e de seus temas é compatível com o universo televisivo superficial atual, com suas comédias de situações ou com suas novelas. E foi neste contexto, entretanto, que tragédia e morte foram baixadas do pedestal e trazidas para o mundo comum e ridículo, em um livro, absolutamente, cômico, paradoxal para o momento atual, algo que é a tônica da escrita de Castel-Bloom.

No universo segmentado de Israel, parece não ter sentido, pelo menos, para alguns dos escritores, e Castel-Bloom à testa deles, tentar falar em nome de uma esfera pública unificada. A opção é a liberação a esfera privada da carga sufocante que prevaleceu por décadas, escolher todo e qualquer caminho. Neste sentido, o papel de escritoras é primordial, e indica que, a exemplo daquelas da primeira geração, mas de forma irrestrita e sem constrangimentos, estão dispostas a cumprir os seus papéis.

ROZENCHAN, N. Israeli women authors: the modern origins of their writing and the present moment. *Revista de Letras*, São Paulo, v.44, n.2, p. 134 - 157, 2004

- *ABSTRACT: One of the most stimulating segments of Hebrew literature is that related to women's writing. The aim of this text is to compare two important moments of that writing: its beginning, when such activity was considered peripheral, at the end of 19th and beginning of the 20th century, parallel to the arrival of the first immigration group to Palestine, focusing on writers Nehama Pohachewsky, Hemda Ben-Iehuda and Shoshana Shababo, and the present moment, when women writers are in the center thanks to the vitality they provide to this writing, as in Orly Castel-Bloom's case. Some historical and literary intermediate aspects will be included in order to make understandable the basic connection between women authors and the life in the country.*
- *KEYWORDS: Hebrew fiction; Hebrew literature; Hebrew women's literature; Israeli literature; literature and history; women's literature.*

Referências:

BARTANÁ, O. *Shmonim*. Tel Aviv: Agudat hassofrim haivrit beIsrael, 1993.

BEN-IEHUDA, H. Lulu. *Hatsvi*, nº 4-6, 1902; *Tahat hashaked. Luah Erets Israel*, nº 9, 1903, p. 15-29; *Havat bnei Rikev* (1903), in BERLOWITZ, Y. *Sipurei nashim bnot haaliya Arizona*, Tel Aviv, Sifriyat Tarmil, 1985, p. 126-127; *Simlá hadaza. Hashkafá*, nº 91, 1907.

BERLOWITZ, Y. *Haishá bessifrut hanashim shel haaliyá harishoná. Katedra letoldot Eretz Israel viyshuvá*, Jerusalém, n. 54, dez. 1989. Disponível em: <http://www.snunit.k12.il/heb_journals/katedra/54000.html>. Acesso em 25. Jan. 2005.

BERNSTEIN, U. *Sifrut shel hovê matmid. Rehov*, Tel Aviv, n. 1, nov. 1994, p. 94-96.

BESSER, Y. *Yaffa Berlowitz: 'Et sifrut hanashim mahku vehishkihu mehahistoria shel hassifrut haisraelit'*. *Iton 77*, Tel Aviv, n. 283, set. 2003, p. 24-29.

CASTEL-BLOOM, O. *Dolly City*. Tel Aviv: Zmora-Bitan, 1992.

_____. *Halakim enoshiim*. Tel Aviv: Kinéret, 2002. (Em Português: *Partes Humanas*. Trad. Viviane Gouveia. Rio de Janeiro: Imago, 2003).

CHODNOVSKY, L. Haim kayamim horim shehorim?. *Iton* 77, Tel Aviv, n. 222-3, ago./set. 1998, p. 24-29..

GIORA, R. Masking one's Themes: Irony and the Politics of Indirectness. In: VAN PEER, W.; LOUWERSE, M. M. (Ed.). *Thematics: Interdisciplinary studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, v. 3. Disponível em <<http://www.tau.ac.il/~giorar/mask.html>> Acesso em 25. Jan. 2005.

GLASNER, E. Likro et 'Masséi Gulliver' beislandit. *Haaretz*, Tel Aviv, 28/01/04. Disponível em <<http://www.haaretz.co.il>> Acesso em 25. Jan. 2005.

GOVRIN, N. *Alienation and Regeneration*. Tel Aviv: Mod Books, 1989.

GRANT, L. In the zone of living. *The Guardian*, Londres, 31/01/2004. Disponível em <<http://www.theguardian.co.uk>> Acesso em 25. Jan. 2005.

HERZIG, H. Hakol haomer: ani. *Megamot bassipóret haisraelit shel shnot hashmonim*. Tel Aviv: The Open University of Israel, 1998.

HEVER, H. *Sifrut hanichtévet mikan*. Tel Aviv: Yediot Aharonot, 1999.

KAHANA-CARMON, A. Você, mulher, quer escrever um livro?. *A literatura de Israel*, São Paulo, Consulado de Israel, n. 2, 1998, p.49-52.

LIVNE, N. Haintifada hapratit sheli. *Haaretz*, Tel Aviv, 04/04/2002. Disponível em <<http://www.haaretz.co.il>> Acesso em 25. Jan. 2005.

MELCER, I. Sfarim lemaan harega shelifnei ovdan hamudaut. *Maariv*, Tel Aviv, 10/05/2002. Disponível em: <<http://www.maariv.co.il>> Acesso em 25. Jan. 2005.

_____. Hametsiut hi uvda bashetach. *Maariv*, Tel Aviv, 16/05/2002. Disponível em: <<http://www.maariv.co.il>> Acesso em 25. Jan. 2005.

MENDELSSON-MAOZ, A. Olamot efshariim bitsiratam shel Orly Castel-Bloom veEtgar Kéret. *Alei Siach*, Tel Aviv, n. 38, Horef 1996, p.39-64.

MIRON, D. Hirhurim beidan shel proza. In: STAVI, Z. (Ed.). *Shloshim shaná, shloshim sipurim: Miv'har hassipur haisraeli hakatsar mishnot hashishim ad shnot hashmonim*. Tel Aviv: Yediot aharonot, 1993, p.397-427.

POHACHEWSKY, N. *Biybudá habadashá (Na nova Judéia)*. Jerusalém: Hedim, 1911.

_____. *Bakfar uvaavodá (Na aldeia e no trabalho)*. Jerusalém: Hedim, 1930.

RATOCK, L. *Hakol baaber: siporet nashim ivrit*. Tel Aviv: Hakibuts hameuhad/ Siman kriá, 1994.

ROZENCHAN, N. Mosaico explosivo. *Revista 18*, São Paulo, n. 5, set./nov. 2003, p. 50-51.

SHABABO, S. *Maria, roman michaiey hanezirut baaretz (Maria, romance da vida monacal no país)*, (1932). Tel Aviv: Bimat Kédem Lessifrut, 2002.

_____. *Ahavá bitsfat: roman michaiey hasfaradim bitsfat (Amor em Safed: romance da vida dos sefarditas em Safed)*, (1941). Tel Aviv: Bimat Kédem Lessifrut, 2000.

SCHWARTZ, Y. Hassipóret haivrit: haidan sheharei. *Efes shtaim*, Tel Aviv, n. 3, Horef 1994, p.7-15.

_____. Biglal hamil'hamot hahen: Panorama. *Maariv*, Tel Aviv, 07/07/2000, 14/07/2000. Disponível em <<http://www.maariv.co.il>> Acesso em 25. Jan. 2005.

_____. The Person, the Path and the Melody: A Brief History of Identity in Israeli Literature. *Prooftexts*, Bloomington, v. 20, n. 3, Fall 2001, p. 318-339.

SHAKED, G. Hebrew Prose in the 1990's: Darkness under the sun. *Modern Hebrew Literature*, Bnei Brak, v. 11, Fall/Winter 1993. Disponível em <<http://www.ithl.org.il/>> Acesso em 25. Jan. 2005.

_____. Hamishim hashanim habaot. *Iton* 77, Tel Aviv, n. 226, detsember 1998, p. 24-27.

SHAMIR, Z. Perspektivot hadashot bassifrut uvemehkar hassifrut. *Iton* 77, Tel Aviv, n. 132-133, ianuar-februar 1991, p. 24-26.

SHIRAV, P. *Ktivá lo tamá*. Tel Aviv: Hakibuts hameuhad, 1998.

TAUB, G. The Thinning of Israeli Literature. *Correspondence: An International Review of Culture and Society*, London, n. 5, Winter 1999/2000, p 7-8.

_____. (entrevista). SHAVIV, M. A literary blank ballot. *The Jerusalem Post*, Jerusalém, 05/03/2001. Disponível em <<http://www.jpost.com/>> Acesso em 25. Jan. 2005.

YEHOSHÚA, A. B. La literatura de la generación del estado. *Ariel: Revista de artes y letras de Israel*, Jerusalém, n. 107-108, 1998, p. 48-56.